

## Apresentação Dossiê

### Discursos conservadores e Direitos Humanos: embates e resistências

Amanda André Mendonça\*  
Pâmella Santos dos Passos\*\*

A realidade histórica e contemporânea do Brasil aponta para a urgente e necessária exploração das temáticas dos Direitos Humanos. Contudo, vivemos um momento de recrudescimento, na política, do avanço de setores obscurantistas e da ascensão de discursos conservadores que atacam diretamente os Direitos Humanos. Indignadas com este contexto de produção de discursos anti-cientificistas e negacionistas, que tentam silenciar e interditar debates fundamentais para transformações sociais propusemos este dossiê como resistência neste cenário de retrocessos e retirada de direitos.

Compreendendo a pesquisa e a escrita como formas explicitar e desnaturalizar as opressões e desigualdades delas decorrentes, afirmamos o espaço da produção acadêmica como uma trincheira de luta. Acreditamos que estes dois movimentos, de investigar e de escrever, constituem formas importantes de organização do pensamento coletivo, de síntese e de mobilização. Portanto, esse dossiê é fruto de reflexões sobre o cenário mencionado, de nossa busca por colaborar com a divulgação e a produção de análises sobre ele, bem como de estratégias para mudá-lo.

Assim, ao longo desta publicação procuramos reunir textos que abordem a relação entre os discursos conservadores e seus impactos na promoção dos direitos humanos. Organizamos e selecionamos artigos que contribuem com as análises no campo das ciências humanas acerca desses discursos, mas sempre enfatizando os processos de embates e resistências em torno deles.

Importante destacarmos também que as análises que o leitor e a leitora irão encontrar neste dossiê também são perpassadas por uma inquietação com as inúmeras desigualdades que constituem o campo dos direitos e das políticas sociais em nosso país. Assim, somou-se a ideia do reco-

---

\* Pós-doutoranda em educação, doutora em Política Social, mestre em educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE / UFRJ. Tem experiência na área de Sociologia da educação, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia da educação, gênero, educação, laicidade e Políticas Públicas. Foi professora substituta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tutora do CEDERJ. Atualmente é docente na Universidade Estácio de Sá e integra o Observatório da Laicidade na Educação - OLÉ. E-mail: amandademendonca@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3324-5672>

\*\* Professora do quadro efetivo do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Atualmente realiza estágio de Pós Doutorado no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) Com estágio de Pós Doutorado pelo Programa de Pós graduação em Antropologia Social/ Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016). Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (2013), mestre em História, área de concentração História Política, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro(2008) e graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro(2006), Possui experiência na área de História e Ensino de História, com ênfase em História do Brasil República. Desenvolveu pesquisas sobre Juventudes, Cultura Popular e Favelas Cariocas, Anticomunismo no Brasil, Ensino de História em Escolas Técnicas. Atualmente pesquisa sobre os impactos do Conservadorismo no Ensino de História e coordena projetos de extensão na área de Educação e Direitos Humanos. E-mail: pamella.passos@ifrj.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9759-6100>

nhecimento de direitos bem como a formulação e a implementação de políticas públicas em diversos segmentos não como frutos de concessões, mas resultados de lutas e disputas políticas sob diferentes prismas. Perspectiva esta que orienta esta publicação.

Desta forma, o dossiê conta com nove artigos que tratam de temáticas envolvendo o fazer docente hoje no Brasil e as inúmeras ameaças e tentativas de cerceamentos em curso, o desdobramento deste cenário de conservadorismos para os diferentes campos de conhecimento, assim como para os debates sobre direitos humanos na atualidade, envolvendo as questões de gênero, sexualidade, juventude, raça e religiosidade. Ao longo dos textos há também análises sobre o direito à educação, sobre a importância da preservação de nossa memória coletiva e como disse Walter Benjamin de se escovar a história a contrapelos para a construção de novos paradigmas.

Compreendendo a Educação e em especial a Escola como um importante terreno onde os embates entre discursos conservadores e direitos humanos se apresentam, abrimos o dossiê com o artigo *“Escola como disputa: juventude e cultura escolar em contextos de ocupação (Rio de Janeiro/2016)”* que a partir de grupos focais apresenta as tensões entre a cultura juvenil e a cultura escolar.

Em seguida, a contribuição internacional *“Derecho a la educación e interculturalidad en el contexto del conflicto armado colombiano. Análisis de la cotidianidad escolar en una institución educativa en Cali – Colombia”* ao abordar como os conflitos armados tem impactos na educação e no cotidiano escolar possibilita uma análise do contexto conservador num cenário distinto do Brasil, porém com questões que são bastante pertinentes à realidade de nosso país e latino-americana como um todo.

Enveredando sob o momento atual de intensa perseguição aos professores e criminalização da educação democrática o texto *“Ameaças à profissão docente no Brasil: desafios ao ensino de ciências e biologia em debate”* põe a lupa sobre os desafios da efetiva laicidade do Estado e seus desdobramentos nos currículos escolares, sobretudo, num momento de aliança de projetos neoliberais e conservadores.

Convertendo ataques em resistência, o artigo *“Entre Gramsci e Maquiavel Pedagogo: os perigos dos professores de história”* parte da acusação de setores do discurso conservador brasileiro de que Gramsci seria o grande mentor intelectual dos “professores doutrinadores” para a partir do próprio referencial gramsciano apresentar sementes de resistência.

Em *“Como ensinar História em tempos de avanço conservador? Conversas com estudantes de licenciatura do Rio de Janeiro”* as autoras dão visibilidade aos impactos da perseguição aos professores de História, ainda na formação de professores. Propondo uma breve discussão acerca do conceito de conservadorismo o trabalho que parte de conversas e materiais produzidos por licenciandas e licenciados, convida o leitor e a leitora a pensar táticas de resistência para o momento atual.

Os tempos conservadores que se consolidaram no Brasil do último período, no qual figuras públicas em postos de poder elegeram as diversidades: cultural, étnica e de gênero como alvos prioritários de ataques, tem como consequência uma escalada de práticas racistas e sexistas.

Aprofundando esta análise, o artigo *“Neoconservadorismo e a ofensiva contra as religiões de matriz africana no Brasil”*, aborda um fenômeno recente de nossa história, o crescimento de religiões de matriz neoconservadoras, mas simultaneamente um problema histórico que nos acompanha, a perseguição as religiões afro no Brasil.

Denunciando um processo iluminista que buscou silenciar questões de gênero as autoras de *“Os feminismos como (des)construção dos direitos humanos: a importância de filósofas modernas na resistência ao iluminismo misógino”* despertam centelhas de esperança do passado ao analisar filósofas importantes para luta, até hoje atual, contra o patriarcado.

O que lembrar ou esquecer acerca do passado de uma Nação influencia diretamente na

manutenção ou ruptura com discursos conservadores, tal temática é aprofundada em “*Greves no Estado Novo: um processo de memória em disputa*” possibilitando-nos refletir sobre os mecanismos de silenciamentos dos processos históricos, bem como a importância de uma atuação democrática e em prol dos direitos humanos na escrita e visibilidade de Histórias Plurais comprometidas com o enfrentamento às opressões.

Ainda refletindo sobre a importância da memória, em especial coletiva, o artigo “*Por que falamos de stonewall e esquecemos o whk? A ciência e o espaço da neutralidade como espaço do discurso conservador*”, problematiza a suposta imparcialidade científica e dos seus marcos históricos a serem lembrados, produzindo apagamentos que reforçam visões conservadoras.

Finalizando o dossiê temos uma importante entrevista com Lená Medeiros de Menezes, professora Emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Titular de História Contemporânea. Com vasta experiência no campo dos estudos sobre movimentos conservadores e seus impactos na realidade brasileira, a pesquisadora nos brinda com reflexões extremamente pertinentes ao campo das Ciências Humanas, em especial o historiográfico, no contexto atual.

Fechando a publicação, a resenha “Quando o negacionismo vai a júri: um filme sobre liberdade de expressão e agressão à democracia” aprofunda a ferida latente no contexto educacional brasileiro de perseguição aos professores. Analisando o contexto de uma pesquisadora do Nazismo acusada de denunciar um produtor de *fake history* sobre Holocausto, a resenha nos leva a refletir sobre o papel da construção de memórias coletivas e da luta constante pela defesa da democracia.

Esperamos com este dossiê agregar novos elementos ao debate da produção de discursos conservadores e seus impactos para os Direitos Humanos, mas também gostaríamos que nossos esforços e nossas trajetórias, os percalços pelos quais passamos, nossas reflexões e nosso desejo de construção de uma sociedade justa e igualitária, de autores, editores, organizadores, possam inspirar e atrair mais pesquisadores e mais textos para os embates e resistências necessárias.

Acreditamos que, com esses textos e todas as reflexões que eles trazem, proporcionamos aos leitores e leitoras ao mesmo tempo um inconformismo com as desigualdades que estruturam nossa sociedade e um sentimento de esperança na luta e na transformação. Que nossas escritas semeiem um novo mundo, pois a produção acadêmica que acreditamos é comprometida com a denúncia e fim das desigualdades, e nisso: “Não seremos interrompidas!”